

pesquisa dá nove anos de sobrevida

AO PAPEL

Mercado brasileiro, porém, prefere manter cautela

Ângela Corrêa

Os fanáticos por eletrônicos – e por leitura – podem até estar delirando com a possibilidade de mais um brinquedinho tecnológico, mas o mercado editorial ainda enxerga com cautela a previsão da pesquisa encomendada pelos organizadores da 61ª Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha, que aponta que daqui a exatos nove anos o suporte digital vai se sobrepor ao papel quando se fala em livros.

A justificativa da maioria recai sobre dois pontos principais: dificuldade de acesso da maioria e os moldes de sempre da velha e boa bibliofilia. “Nem todas as pessoas conseguem comprar um celular, um computador, quanto mais um e-reader, mas um livro, se ela realmente quiser ler, pode adquirir com preços baratos em sebos e promoções ou pegar em bibliotecas”, resume Fernanda Emediato, diretora da Geração Editorial, que disponibiliza o download gratuito de três livros em seu site (www.geracaoeditorial.com.br/e_books).

Os três títulos – *Verdes Anos* e *A Grande Ilusão*, assinados pelo diretor da Geração, Luiz Fernando Emediato, e *Anjos de Barro*, do jornalista José Maria Mayrink, estavam esgotados. Mayrink propôs a criação de um link de sua obra porque muitas pessoas o procuravam pedindo um exemplar. “As duas edições foram lançadas em 1986 e o livro tem partes desatualizadas. Desperta curiosidade até hoje porque fala sobre o mundo de crianças

especiais. Fiquei satisfeito de colocá-lo à disposição das pessoas”, afirma. “Acho as novas tecnologias muito úteis para proporcionar o aumento de leitores, mas não vão substituir o prazer de ter um exemplar na mão e, como algumas pessoas fazem, cheirar as páginas”, enfatiza.

A possibilidade de estreitar as relações com os leitores via meios eletrônicos tem aumentado à medida em que os blogs se tornaram populares. Com a compra dos e-books, o perfil dos leitores também ficará à disposição dos editores. Mas isso não é algo apontado como vantagem, garante o escritor Ricardo Líbias, que acaba de lançar *O Livro dos Mandarins* pela editora Objetiva. “Não acho que seja bom criar de acordo com que um determinado leitor quer. Seria um tipo de literatura domesticada, que infelizmente tem crescido no Brasil”, acredita.

Enquanto os suportes específicos para leitura remota não se popularizam entre o brasileiro comum, os e-books seguem disponíveis no mundo virtual.

Uma busca simples lista rapidamente arquivos em diversos formatos com a íntegra de romances, manuais técnicos e até títulos inéditos no País – nem sempre respeitando os direitos autorais. A microbiblioteca particular é armazenada no PC e pode ser acessada a qualquer momento. Antes da criação dos leitores, já era possível baixar livros no iPod, no Blackberry e em celulares mais modernos, tudo graças a softwares específicos.▲



O LEITOR

“Considero tão confortável quanto um livro. E é mais fácil de manusear. Imagine segurar um livro fechado. É a mesma sensação. Além disso, posso marcar e anotar usando o teclado e depois baixar para o computador, usando um cabo USB.”

Miguel Cavalcanti, engenheiro agrônomo e usuário Kindle

OS ESCRITORES

“Acho que a discussão ainda está só começando e é muito cedo para decretar o fim dos livros em papel. Não é tão simples. Talvez mais este suporte sirva para baratear os preços dos livros, que no Brasil ainda são muito caros”

Ricardo Líbias, autor de “O Livro dos Mandarins”

“Acho difícil que o prazer e o apego aos livros que muitas pessoas ainda têm, de folhear, de sentir o cheiro das páginas, não deve se modificar em tão pouco tempo. Assim como o jornal não ficou obsoleto em função da internet, os livros não devem ficar em apenas oito anos”

José Maria Mayrink, jornalista, autor de “Anjos de Barro”, disponível para download gratuito

A EDITORA

“Com toda esta novidade de e-readers, estão esquecendo de dizer sobre a adoração do livro também pelo o que ele é e representa. Além das boas histórias que contêm em cada página, há a paixão pelo papel, pelo folhear de páginas e até pelo cheiro do livro”

Fernanda Emediato, diretora da Geração Editorial

Google lança livreria digital

Luís Felipe Soares

Com o objetivo de digitalizar e disponibilizar ao mundo todo o acervo literário existente, o Google anunciou o lançamento do *Google Editions*, sua vasta livreria digital. O programa começa a funcionar no primeiro semestre do ano que vem. O anúncio foi feito na Feira de Frankfurt.

Todos os 500 mil arquivos poderão ser lidos em qualquer aparelho de leitor eletrônico, tentando ampliar o mercado de e-readers – atualmente dominado pelo Kindle, da Amazon. Mais títulos serão acrescentados ao acervo com o passar do tempo.

Durante o evento, representantes do Google tem conversado com diversas editoras para acertar parcerias. Algumas não veem com bons olhos a iniciativa pelo fato de cada país europeu ter legislação específica sobre os direitos autorais e de propriedade intelectual. (com Agências)



Pasquale Cipro Neto

Generalidades (2)

Vamos continuar nossa conversa sobre questões enviadas por leitores. A primeira delas diz respeito às expressões “de pé” e “em pé”. Diz uma leitora: “Há dias, em uma cerimônia litúrgica, ao dizer a frase ‘Fiquemos de pé, para aclamação ao Santo Evangelho’, fui contestada por alguém, que me disse que o certo é ‘Fiquemos em pé’. Quem tem razão?”

As duas formas ocorrem na modalidade culta da língua. No verbete “pé” dos dicioná-

rios *Aurélio* e *Houaiss*, as expressões “de pé” e “em pé” são dadas como equivalentes, com o significado de “em posição vertical, ereto, firme”. “A pé” é outra história. Significa “com os próprios pés”, “caminhando”, ou “na sola”, como diz a garotada: “Fui até lá a pé”.

A segunda questão diz respeito ao feminino de “garçom”. Uma leitora diz que um professor lhe informou que o feminino é “garçoa”. “É isso mesmo?”, pergunta ela. A pala-

vra “garçom” (que se escreve com “m” final e possui a variante “garção”) vem do francês “garçon” (“jovem”, “rapaz”) e já foi usada em português com o sentido original, como se vê neste fragmento de M. de Assis, citado no *Aurélio*: “Era um lindo garção, lindo e audaz”. Na língua de hoje, predomina a forma “garçom”, com o sentido de “empregado que serve em restaurantes”. O *Vocabulário Ortográfico*, da Academia, registra “garçoa”. Dos dicioná-

rios que consultei, o único que registra “garçoa” é o de *Caldas Aulete*, que lhe dá o sentido de “moça”, “rapariga”. Os demais dão apenas “garçonete”, e só como “empregada que serve em restaurantes.”

A terceira questão diz respeito ao que se usa numa comparação: “que” ou “do que”? “Ela é mais forte do que eu” ou “Ela é mais forte que eu?”, pergunta um leitor. É rigorosamente indiferente usar “que” ou “do que” nesses casos. Qualquer

das formas fecha corretamente a estrutura comparativa. Isso também vale para casos em que entram as palavras “melhor” e “pior”: “Ele joga melhor do que o irmão” ou “Ele joga melhor que o irmão”; “Este é pior do que aquele” ou “Este é pior que aquele”.

Por fim, uma questão relativa à construção “Trinta reais é muito”. “O verbo não deve concordar com o número de reais?”, pergunta uma leitora. Quando acompanhado das pa-

lavras “muito” e “pouco” em casos em que se estabelece julgamento sobre determinada quantidade de dinheiro, de horas, de dias, de meses ou do que quer que seja, o verbo “ser” não é conjugado no plural: “Trinta dias é muito”; “Duas horas é pouco”; “Vinte anos foi muito”; “Dois milhões de reais é pouco para terminar a obra”; “Dois mil litros de leite por dia é pouco para tanta gente”; “Cinco mil dólares é muito dinheiro”. Até domingo. Um forte abraço.